ALPHAGRAPHICS

O MOSTEIRO

ALAN ROCHA DOS SANTOS

São Paulo
2023

O MOSTEIRO

índice

Cap 1- A Cela -.....3

cap2- A Infância 6

cap 3- A Paixão 10

cap 4- Os Conflitos 13

cap 5 - Um Amigo 18

cap 6 - As Intrigas 22

cap 7-Uma Descoberta 26

cap 8- Tormento 32

cap 9- Cobranças 36

cap 10- O Enfermeiro 41

cap 11-Semana Santa 45

cap 12 -O corpo 50

cap 13- Juízo 54

.

A CELA

Sentado em sua cela, Dimas, folheava um breviário. Aquele livro de orações tinha sido seu companheiro diário por um longo tempo.

Em divagações e lembranças, sua mente havia deixado por um minuto a concentração na leitura para reflexões profundas sobre sua própria existência.

De repente, um som de batida na porta, Frei Tomás, um colega e irmão de confraria que vinha chamá-lo para a oração comum. Já havia soado a terceira batida do sino e como Frei Dimas não havia saído de sua cela, Frei Tomás, fora verificar o que ocorrera.

- Frei Dimas, você está bem? - perguntou seu amigo, dando três batidas na porta e franzindo a sobrancelhas com um aspecto de preocupação.

O prestativo irmão Tomás era um jovem alto e magro, rosto fino e um saliente bigode à dom Juan. Em seu hábito monacal, parecia que algo estava folgado, como se estivesse sempre a fazer jejuns, era de fato, incrivelmente magro e alto. Aqueles que se aproximavam dele, não tinham como disfarçar uma certa estranheza com seu aspecto.

Ao ouvir as batidas, Frei Dimas, voltou a si, percebera imediatamente que esquecera do sinal para as orações em comum. Não era seu costume atrasar-se daquela maneira, sempre era diligente com suas obrigações e fazia questão de ser um dos primeiros a estar nas horas.

Abrindo a porta, Frei Dimas, apresentava um olhar de espanto. Logo seu amigo percebeu que não fora por querer que ele havia se atrasado para as orações.

- Me desculpe, estava concentrado e não ouvi o sino- disse o Frei, saindo de sua cela e a fechando por trás de si, enquanto dava longos passos ao lado de seu colega.

Indiscutivelmente, era hilário ver os dois amigos um ao lado do outro, se Frei Tomás era alto e magro, Frei Dimas era o seu oposto. Apresentava um aspecto bonachão, com um corpo avantajado, baixo e de uma barba longa. Todavia, em um ponto eles tinham algo em comum, eram jovens.

Enquanto caminhavam, passando pelo corredor com abóbada em cruzaria, ladeados com afrescos temáticos bíblicos, os dois homens não deram uma só palavra. O silêncio era uma marca característica daquele local.

Ao adentrarem o coro, um feixe multicolorido advindo da rosácea, iluminou os dois frades, atraindo a atenção dos confrades, em especial a do abade Dom Fernado. Vestido com um hábito muito parecido com os demais, a grande diferença era que o abade, ostentava uma notória cruz peitoral em ouro e pedras preciosas que reluzia à luz da gigantesca rosácea que reinava na parte superior do coro, além é claro, de um anel de sinete, igualmente reluzente. Seu olhar era inquisitorial, mas contido. Abaixou o olhar e os dois amigos assentaram-se em seus respectivos lugares.

Dimas, seguiu o canto que já havia iniciado. Buscou em seu livro que jazia sobre seu assento e como de costume, sabia de cor os cantos e orações mesmo que não olhasse para as páginas do livro. Aquilo o deixou pensativo sobre o quão mecânico era sua ação cotidiana.

Naquele dia, somente os frades estavam no recinto, nos demais dias, a comunidade local também esta-

va presente para acompanhar os rituais religiosos. Ás vezes, o pensativo frade, refletia sobre como se sentia como um animal sendo observado pela comunidade em uma jaula para o divertimento de pessoas que ele mal conhecia. Por outro lado, também sentia um misto de prazer pelo exibicionismo que era alimentado pela “plateia” que o observava em sua função ritual.

Lembrava agora, não se sabe lá o porquê, que em certa ocasião, durante uma oração matinal no coro, observou um casal de jovens que pareciam bem íntimos. Estavam de mãos dadas, mas as alianças encontravam-se na mão de noivado. Por um momento, ele pensou como sua vida podia ter sido diferente se ele tivesse seguido outro caminho.

Quando se deu conta, as preces haviam acabado. Todos se dirigiram ao refeitório.

A INFÂNCIA

No espaçoso refeitório, as mesas estavam dispostas em forma oval, tendo em uma de suas extremidades, a mesa do abade em uma elevação acima das demais. Jovens noviços, serviam os pratos e enchiam os copos com vinho. Somente um dos presentes não bebia vinho, mas sim uma taça de água, justamente o abade.

Enquanto comiam, um dos jovens realizava a leitura sacra. Dimas percorria sorrateiramente a cena à sua volta. Observava todos a mesa, prestando bastante atenção em suas faces e gestos, na mesma medida que elevava a comida em sua boca intercalada por um gole de vinho.

Prestou bastante atenção nas feições de um dos frades. Era grande e corpulento, cabeça raspada e olhar soturno. Ao comer, Dimas imaginava estar diante de uma fera, atacando sua presa, pois o frade careca, comia com avidez, esse fato deixava nosso observador enojado.

Certamente, todos ali estavam no mesmo espaço, compartilhando dos mesmos momentos e rituais, mas Dimas sabia que cada um era um universo em si mesmo. As razões e os motivos que levaram a cada um deles optarem por aquele estilo de vida, era diverso.

Quando estava imerso nessas meditações, foi interrompido por uma conversa não habitual. Aquele mesmo frade comilão, insistia para que o servente lhe dessa outra porção de comida e de bebida. O rapaz atendeu o pedido, mas olhou atentamente para o abade como que lhe pedindo autorização. Não houve oposição.

Enquanto isso, Dimas conseguiu notar o grande contraste. Ao seu lado estava Frei Tomás, que mal tocava na comida. Com gesto delicados e singelos, seu amigo seguia uma austeridade exemplar.

Além de não manter a dieta comum, o tal frade levantou-se da cadeira antes dos demais, a despeito de ser o abade a levantar primeiro. Nesse ponto, Dimas olhou bem para o rosto de Sua Paternidade, que agora expressava um olhar de reprovação.

Esta não era a primeira vez, que Frei Pedro descontentava a todos por seus gestos grosseiros e individualistas. Várias foram as ocasiões em que havia contrariado ordens ou discutido com alguém. Sua grosseria ultrapassava a questão de bons modos.

Por um momento, Dimas deixou de prestar atenção naqueles fatos e concentrou-se em sua própria refeição, compreendia que aquilo não era de seu interesse ou preocupação.

Consciente em agradecer a refeição que recebia, pois sabia que não havia comprado, preparado e as vezes, não se achava merecedor dela, ao pensar que fora daqueles muros, outros não tinham a mesma sorte que ele.

Ao término da refeição, os frades se dirigiram as suas obrigações rotineiras. Dimas era o bibliotecário. Sua dedicação aos estudos, sua profunda curiosidade, fizeram dele um amante do conhecimento. Talvez por isso, sua mente era tão inquieta, não se contentava com qualquer obediência cega à autoridade. Se por um lado, obedecia a ordens, por outro, não aceitava mentiras ou trapaças.

Seus dias naquele lugar, faziam com que cada vez mais, uma frustação crescesse dentro dele. Ao adentrar a biblioteca, que por sinal era um belo recinto, todo

envidraçado e com estantes cobertas de livros e escrivaninhas dispostas ordenadamente, sentia-se em um verdadeiro refúgio.

Retirou um livro da estante, dirigiu-se para sua mesa de trabalho e calmamente folheou as páginas. Viu uma iluminura de uma criança. Lembrou-se então, de seu tempo de infância.

Sua infância não tinha sido uma das melhores. Fora encaminhado ao orfanato após seus pais desaparecerem em um cruzeiro.. Bem tenro, e sozinho no mundo, aprendeu com duras penas a se defender de crianças maldosas que lhe oprimiam.

Um dia, uma luz no fim do túnel lhe acendeu:

- Oi garotinho, por que está tão triste? - era a voz doce de uma freira do orfanato chamada Irmã Maria dos Anjos.

O pequeno Dimas, estava em um canto do guarda-roupa, escondido, com o rosto entre os braços e choramingando. Ao ouvir aquela doce voz, levantou a cabeça, e com as pequeninas mãos esfregou os olhos para melhorar a visão, que estava turva com tantas lágrimas.

-Estou com medo dos moleques que estão me perseguindo, então eu me tranquei aqui- disse o garoto tentando se explicar.

A jovem e bonita freira, aproximou-se, com braços longos e acolhedores envolveu o garotinho e o segurou entre seu colo. Realizou um movimento de balanço, como aqueles que o garoto lembrava que sua mãe costumava fazer com ele.

- Calma, calma, eu estou aqui- disse a freira que apesar de escondida pelo hábito dava para notar que era tão bonita e acolhedora que fez Dimas esquecer por um minuto de sua dor.

Daquele dia em diante, uma amizade e cumplici-

dade foi iniciada. Irmã Maria passou a proteger o garoto e Dimas encontrou nela sua projeção maternal. Mas nem todos estavam contentes com essa aproximação.

Havia um garoto bem mais velho que Dimas, chamava-se Pedro, o mesmo que futuramente seria seu confrade no mosteiro. Desde que chegara no orfanato, Pedro não fora com a cara de Dimas. Queria por todos os modos aumentar os tormentos do pobre garoto. Ainda mais agora que surgira uma protetora que lhe dava tamanha atenção.

Pedro, assim como Dimas, fora parar ao orfanato quando ainda era bem novinho. Fazia tempo que estava por lá e, portanto, achava que era seu direito natural mandar e submeter os novatos aos seus desejos e vontades. Aquela aproximação entre Irmã Maria e Dimas, o enfurecia e despertava o que tinha de pior dentro dele, a inveja e o ódio.

Sua perseguição começou bem cedo. Depois que viu Irmã Maria abraçar e cuidar do garoto, sempre que tinha oportunidade escondia os pertences dele, roubava sua comida e fazia assombração para o pobre garoto. Não perdia a oportunidade de colocar seus subordinados também contra ele.

Dimas lembrava que em uma noite de Natal após a missa do galo, enquanto todos estavam comemorando felizes, Pedro o encurralou em um canto na parede dizendo:

- Pirralho, estou perdendo a paciência contigo. Você precisa de um sinal para não esquecer que seus dias estão contados- e tirando uma goma de mascar de sua boca, grudou nos longos cabelos do garoto.

Por causa desse incidente, no outro dia, Dimas teve que raspar sua cabeleira. Algo que deu extremo prazer a Pedro.

A PAIXÃO

Com o passar dos dias, os laços entre o garoto Dimas e Ir. Maria ficavam cada vez mais estreitos, por outro lado, nascia dentro do coração dele um apego maior do que uma amizade. Perto da puberdade, sem perceber, surgia as fagulhas de sua primeira paixão.

Além de querer ficar perto de sua protetora, Dimas sentia prazer em estar com ela e tinha ciúmes quando ela dedicava sua atenção às demais criança. Ele a queria para si. Não era justo que outros desfrutassem do amor que devia ser dispensado somente para ele. Aos poucos seu amor se transformou em ódio.

Tudo mudou quando Dimas soube que Ir. Maria estava gravemente enferma. Já havia perdido os pais e a possibilidade de perder seu amor era uma visão aterradora. Mas, não é possível controlar a vida, mesmo que queiramos a vida segue seu rumo sem perguntar o que cada um quer dela. E como um chama que se acende e logo se apaga, a vida de Ir. Maria desapareceu para o apaixonado Dimas.

Uma dor profunda invadiu a alma do garoto. Afundou em uma melancolia, isolou-se dos demais e viu nos estudos um refúgio que acompanharia sua vida por um longo tempo.

Quando completou dezesseis anos, algo importante em sua vida aconteceu:

- Garotos, aqui está Dom Fernando, abade do Mosteiro da Santíssima Trindade, hoje ele ficará conosco e conversará com alguns de vocês sobre suas vocações- disse a diretora do orfanato.

Para Dimas aquela era uma oportunidade única, poderia sair daquele inferno, continuar seus estudos, es-